

*Memória: 35 anos da
morte do líder
estudantil Alexandre
Vannucchi Leme*



**MEMÓRIA: 35 ANOS DA MORTE DO LÍDER ESTUDANTIL
ALEXANDRE VANNUCCHI LEME**

RESUMO

O líder estudantil Alexandre Vannucchi Leme, aos 22 anos, foi uma das vítimas do governo do general Emílio Garrastazu Médici. Sua morte em 17 de março de 1973 provocou revolta e indignação da sociedade brasileira. Foi o início de um processo que deu amplitude ao movimento estudantil e mais força às manifestações da Igreja Católica por justiça e pelos direitos humanos.

PALAVRAS-CHAVE

Ditadura. Movimento estudantil. Alexandre Vannucchi Leme.

Fernanda Ikedo¹

MEMÓRIA: 35 ANOS DA MORTE DO LÍDER ESTUDANTIL ALEXANDRE VANNUCCHI LEME

*Os povos que não podem ou não querem
confrontar-se com seu passado histórico estão
fadados a repeti-lo.*

(Dom Paulo Evaristo Arns.)

ATUAÇÃO ESTUDANTIL

A morte do líder estudantil e militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), Alexandre Vannucchi Leme, em 1973, causou revolta no povo brasileiro e gerou mobilização da Igreja Católica e do movimento estudantil. Minhoca, apelido dado pelos colegas assim que ingressou no curso de geologia, da Universidade de São Paulo (USP), dedicou-se com devoção à luta pelos direitos humanos e por uma outra sociedade.

[...] hoje, todos nós temos o dever cidadão de pensar na tragédia inominável que atingiu a um jovem, diferenciado e promissor, que fazia seu curso de Geologia na Universidade de São Paulo: Alexandre Vannucchi Leme. Um jovem que foi seqüestrado, torturado e sacrificado pelos asseclas da Ditadura. Alexandre fazia seu curso com dedicação exemplar. Aprendia Geologia e exercitava-se na tarefa sublime de pensar dias melhores para o seu país e seu povo. Tomou-se de uma particular ojeriza pelos projetos faraônicos, impostos pelos governos ditatoriais a uma população submetida a um silêncio forçado.²

¹ Jornalista pela Universidade de Sorocaba (UNISO) e mestranda em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). fernanda.ikedo@gmail.com

² Carta do professor e geólogo Aziz Nacib Ab' Saber, datada de 17 de março de 1998, impressa e distribuída a alunos e professores da USP, em memória aos 25 anos da morte de Alexandre Vannucchi Leme.

Alexandre era franzino e demonstrava grande interesse pela profissão, era querido por todos. Sensível e brincalhão. Tinha uma inteligência voltada para a compreensão dos dilemas pelos quais o país enfrentava. No caso da Transamazônica³, o estudante previa os impactos desse inconseqüente projeto de construção e posicionou-se contra, pois previa que as conseqüências seriam danosas para o povo, a devastação das florestas e o aumento da exploração do povo trabalhador, já tão oprimido.

A carta escrita por Aziz Ab' Saber traz a preocupação com Alexandre: *Sem apoio de um sistema de transportes organizado e factível, tem uma área ainda destituída do mundo urbano e muito logo jogada à própria sorte por incompetência e insensibilidade do Estado.*⁴

Alexandre era extremamente zeloso com a questão dos recursos naturais, devastados pelo capital estrangeiro. *Sob a atuação ameaçadora e o apetite incontrollável de especuladores fundiários, colonizadores empíricos, madeireiros autoritários, e agropecuaristas absenteístas. Alexandre, você tinha razão. É pena que você não possa saber que seus companheiros e admiradores culturais, homens feitos, ainda choram por ti.*⁵

UMA FORMAÇÃO FRATERNAL

Nascido em Sorocaba, interior de São Paulo, em cinco de outubro de 1950, Alexandre pertence a uma família tradicionalmente católica, tendo um tio padre e três tias freiras.

Foi justamente a sua fé cristã que forjou em Alexandre sua vida de revolucionário brasileiro.⁶ Deu a ele a firmeza de suas

³ A revista *Visão*, de 13 de agosto de 1973, traz reportagem especial sobre a invasão da transamazônica, na qual cita uma enchente humana na cidade paraense de Altamira, próxima do rio Xingu. *Só em terra é possível perceber a explosão: as velhas ruelas dilaceradas e transformadas em atoleiros pelo tráfego incessante de veículos; os esgotos, lançados diretamente ao ar livre, gerando igarapés de águas escuras que carregam o barro vermelho do chão; a massa desordenada de casebres de terra batida, cobertos com palmas de babaçu, formando bairros inteiros da noite para o dia.* Cf. OS NOVOS cidadãos da Amazônia. *Visão*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 28, 13 ago. 1973.

⁴ Carta do professor e geólogo Aziz Nacib Ab' Saber..., 1998.

⁵ Carta do professor e geólogo Aziz Nacib Ab' Saber..., 1998, loc. cit.

⁶ Cf. Aldo Vannucchi: entrevista [setembro 2007]. Entrevistador: Fernanda Ikedo. Sorocaba, 2007. (Entrevista concedida para o vídeo-documentário *Porque Lutamos! Resistência à Ditadura Militar*, lançado em fevereiro de 2008

convicções, um idealismo focado na reivindicação por dignidade e justiça para todos. Ele foi fruto de uma geração de estudantes que seguiam o conselho deixado pelo revolucionário argentino Che Guevara nos muros de Paris, em 1968: *Seja modesto, queira o impossível*. E a partir das lutas e dos sonhos comuns da juventude daquela época brotaram iniciativas de organização popular, as comunidades eclesiais de base, a contracultura, o teatro do oprimido, o cinema novo e a emancipação da mulher. Alexandre exigia um país soberano, longe dos tentáculos do capital estrangeiro.

Assim como para Alexandre, a resistência à ditadura militar foi uma opção consciente feita por muitos cristãos — católicos. Lutar contra um regime criminoso era uma atitude conseqüente e coerente. Anterior à trajetória do estudante, são exemplos Jorge Camilo Torres Restrepo⁷, na Colômbia e tantos cristãos — leigos e religiosos — na Nicarágua e El Salvador.

Camilo Torres considerava que quem definia o caráter pacífico ou violento da sociedade não era a classe popular, mas, sim, a classe dos governantes. Assim, propôs um 'projeto de libertação' no qual podiam participar todos os homens e mulheres da Colômbia, guiados por uma opção chamada, por Torres, de 'o amor eficaz para todos'. Sua ação e pensamento se converteram num convite permanente para a luta, para que 'a próxima geração não fosse mais de escravos, mas de homens livres'.⁸

pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura — LINC/Sorocaba. De acordo com o entrevistado, a atuação do Alexandre, mostra que vale a pena acreditar e lutar pelos próprios ideais [...] num esforço enorme de coerência de vida, entre o pensar e o agir e não perder a sua raiz de humanidade e de cristianismo.)

⁷ Torres nasceu em 1929 em Bogotá e no início do ano de 1948 entrou para o Seminário Conciliar de Bogotá, onde preparou-se para o sacerdócio. Permaneceu durante sete anos e foi ordenado padre em 1954. Devido o seu engajamento político sofreu pressão por parte do alto clero e teve que deixar o sacerdócio. Criou a Frente Unida do Povo e integrou o Exército de Libertação Nacional.

⁸ STRIEDER, I. Camilo Torres: o cristianismo rebelde na América Latina. Adital: notícias da América Latina e Caribe. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=23212>. Acesso em: fev. 2008.

Motivados também pela sua condição religiosa, no Brasil, os militantes da Juventude Universitária Católica (JUC) constituíram, no início da década de 1960 a organização política Ação Popular (AP), que trilhou o caminho do socialismo humanista. E após o golpe militar em 1964 muitos de seus integrantes, que eram líderes estudantis, foram perseguidos, exilados ou colocados na clandestinidade. Anos mais tarde a AP seguiria a inspiração ideológica do maoísmo — do revolucionário chinês Mao Tse Tung.

Além de solidário e defensor dos direitos humanos, Alexandre era um curioso. Conforme seu tio Aldo Vannucchi⁹, que em 1964 foi detido na delegacia de Sorocaba, devido sua atuação social com os operários e estudantes da cidade, seu sobrinho era um apaixonado pelo conhecimento.

Os estudos de Alexandre se iniciaram em Itu, depois fez o segundo grau — atual ensino médio — em Sorocaba, assim como o colegial científico, no período diurno, na Escola Estadual Dr. Julio Prestes de Albuquerque, conhecido por Estadão, e ao mesmo tempo, fez o curso normal, no período noturno, na Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas.

Os pais de Alexandre, sr. José e dona Egle, mantêm o quarto do filho intacto, com seus livros, seus jogos e suas coleções de pedras trazidas das incursões pela Floresta Nacional de Ipanema (FLONA), em Iperó. Eles ressaltam o interesse de Alexandre por tudo. [...] *Assim que ele foi alfabetizado, tomado por um gosto enorme pela leitura, não parou mais de ler. Ele tinha sete anos quando leu a coleção de Monteiro Lobato todinha. Lia livros sobre animais, sobre botânica, interessava-se por tudo.*¹⁰

Alexandre foi morar em São Paulo assim que passou no vestibular — e em primeiro lugar —, do curso de geologia da USP. No começo, ele morou na casa dos tios, na rua Capote Valente e depois se mudou para um quarto na Teodoro Sampaio com alguns colegas. Vivia com uma curta mesada que recebia da família em Sorocaba.

⁹ Aldo Vannucchi: entrevista [setembro 2007]. Entrevistador: Fernanda Ikedo. Sorocaba, 2007. (Entrevista concedida para o vídeo-documentário *Porque Lutamos! Resistência à Ditadura Militar*, lançado em fevereiro de 2008 pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura — LINC/Sorocaba).

¹⁰ BRAGA, T.; BARBOSA, P. *Meu filho Alexandre Vannucchi*. São Paulo: Editora S.A., 1978. p. 6.

Justamente o espírito crítico de Alexandre, sua devoção como lutador pelos direitos humanos e sua destacada trajetória no movimento estudantil, na atuação do centro acadêmico de geologia, atraíram a atenção dos agentes da repressão do governo militar, sob comando do temido general Emílio Garrastazu Médici.

De acordo com Adriano Diogo, atual deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores (PT), que na época também militava na ALN e era da turma da geologia, eles desenvolviam atividades no próprio campus da USP, promovendo debates, entregando manifestos e fazendo teatro com peças críticas, contestando o regime militar. *Nossa atuação era cultural e na universidade, às vezes, a gente ia para os bairros também, diz.*¹¹

SEM EXPLICAÇÕES: PRISÃO, TORTURA E MORTE

O estudante, então com 22 anos, assistiu seu último dia de aula na geologia em 15 de março de 1973, nove anos após o golpe civil-militar de 1964. Ano em que a inflação atingia em cheio o Brasil, fim da era do Milagre Econômico, o preço do leite não baixava, o governo federal manteve política econômica de favorecimento às multinacionais e que no plano da política exterior fechavam-se grandes acordos, como a construção da hidrelétrica Itaipu. Na área cultural o filme de maior expressão foi *São Bernardo*, de Leon Hirszman. A peça *Calabar*, de Chico Buarque era proibida. Jorge Amado lançava o livro *Tereza Batista Cansada de Guerra* e perdia-se Pixinguinha, vítima de uma crise cardíaca.

Até hoje, não se tem definição sobre como as forças de segurança prenderam Alexandre. Uma das possibilidades é a infiltração no movimento estudantil, a mando dos órgãos de repressão, ou seja, de que havia um estudante que se passava por militante de esquerda na organização ALN ou nas manifestações universitárias realizadas na USP, que informava as autoridades policiais sobre as atividades desenvolvidas pelos(as) militantes.

¹¹ Adriano Diogo: entrevista [janeiro 2008]. Entrevistadora: Fernanda Ikedo. São Paulo, 2008. (Entrevista concedida a revista *Caros Amigos*, Coleção Brasil em Cima dos Fatos, n. 7, sobre a ditadura militar).

A polícia política o acusou de envolvimento com atos terroristas, de participação em roubos e no setor armado da ALN, além de ser um dos envolvidos na morte do comerciante português Manoel Henrique de Oliveira.

Dona Egle, hoje com 82 anos, afirma que algumas ações atribuídas a seu filho, não poderiam de forma alguma ter sido executadas por ele, como a morte do comerciante português, pois em janeiro de 1973 Alexandre estava em sua casa, em Sorocaba, se recuperando de uma cirurgia de apêndice.¹²

Preso arbitrariamente, como era comum na época, Alexandre foi barbaramente torturado, logo que chegou nas dependências do Destacamento de Operações e Informações — Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), na rua Tutóia.

Como consta no livro *Dos filhos deste solo*¹³, os presos políticos que se encontravam nas celas próximas ouviram os gritos e gemidos de Alexandre. Ele sangrava muito na região do abdômen.

Preso no dia 16, foi direto para uma sessão de tortura. No dia seguinte ele foi torturado pela equipe A, chefiada pelo torturador de nome “Dr. José” e pelo investigador conhecido por “Dr. Tomé” e integrada por: “Caio ou Alemão”, “Dr. Jacó”, “Silva”, “Rubens”, todos comandados diretamente pelo comandante daquele departamento, major Carlos Alberto Brilhante Ulstra, apelidado de Tibiriçá.

Conforme testemunhas ao ser carregado de volta à cela ele gritou: — *Meu nome é Alexandre Vannucchi Leme. Sou estudante de Geologia. Me acusam de ser da ALN. Eu só disse o meu nome [...]*.¹⁴

As torturas seguiram até aproximadamente meio-dia, quando o levaram carregado para a “x-zero” novamente. Por volta das 17 horas o carcereiro conhecido por Peninha abriu a cela e encontrou Alexandre morto. Seu corpo foi retirado da cela, sendo arrastado pelas pernas, pelos agentes.

¹² BRAGA; BARBOSA, 1978, p. 10.

¹³ MIRANDA, N.; TIBÚRCIO, C. *Dos filhos deste solo: mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar — a responsabilidade do Estado*. São Paulo: Boitempo, 1999.

¹⁴ Adriano Diogo: entrevista [janeiro 2008]. Entrevistadora: Fernanda Ikedo. São Paulo, 2008. (Entrevista concedida a revista *Caros Amigos*, Coleção Brasil em Cima dos Fatos, n. 7, sobre a ditadura militar).

Após uma semana de sua prisão os órgãos de segurança elaboraram uma versão para a morte do estudante:

Preso pelos órgãos de Segurança, foi conduzido pela rua Bresser, esquina com a avenida Celso Garcia por volta das 11 horas, onde tinha um 'ponto' (encontro) com outro indivíduo. Depois de alguns instantes no local, tentou a fuga, quando foi atropelado pelo caminhão de chapa NT-6903, dirigido pelo sr. João Cascov. Em virtude dos ferimentos recebidos (fratura da base do crânio), veio a falecer a caminho do hospital.¹⁵

O laudo necroscópico de Alexandre, assinado pelos médicos Isaac Abramovitch e Orlando José Bastos Brandão, em 22 de março de 1973, feito pelo Instituto Médico Legal (IML/SP), afirmava a versão da polícia, de que o estudante *teria se atirado sob um veículo sofrendo contusão na cabeça.*

Essas versões fantasiosas eram comuns nos centros de tortura. Para a morte do jornalista Vladimir Herzog, em 1975, foi suicídio por enforcamento. Um ano depois, era a vez do operário Manoel Fiel Filho, suicídio na cela.

Alguns dias depois do assassinato de Alexandre uma nota oficial foi divulgada para todos os principais jornais do país, era 23 de março de 1973 e as notícias tinham o mesmo conteúdo, a versão do atropelamento, citando o estudante como um terrorista: *'O Globo': Subversivo tenta fugir mas morre atropelado; 'Diário Popular': Terrorista morreu atropelado na fuga; 'Folha da Tarde': Terrorista da ALN morre atropelado ao fugir.¹⁶*

Nosso filho não era um terrorista. De formação humana e cristã, com consciência bem formada, não poderia sê-lo. Censurada a imprensa, só a versão oficial a respeito da sua morte podia ser publicada. Àqueles que ainda crêem nela, por ingenuidade, ignorância ou alienação, bradamos bem alto: MENTIRA!

¹⁵ Nota oficial divulgada pelos órgãos de segurança, Cf. POR QUE tanta selvageria? *Movimento*, São Paulo, p. 5, 24 dez. 1978.

¹⁶ Cf. SUBVERSIVO tenta fugir mas morre atropelado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1973; TERRORISTA morreu atropelado na fuga. *Diário Popular*, São Paulo, 23 mar. 1973; TERRORISTA morre atropelado no Brás. *Folha da Tarde*, São Paulo, 23 mar. 1973.

afirma dona Egle Maria Vannucchi Leme, mãe do estudante em depoimento.¹⁷

Sem permitir a exumação do corpo, Alexandre foi rapidamente jogado numa vala comum, em Perus¹⁸, São Paulo, onde já haviam sido enterrados outros militantes. Foi jogado cal por cima do corpo para acelerar a decomposição e assim apagar as marcas das torturas.

SOBRE A ALN

Com muita habilidade política e como militante da organização, Alexandre tinha contatos estreitos com altos dirigentes da ALN, como Ronaldo Queiroz e Carlos Eugênio Sarmiento Coelho da Paz. O historiador Kenneth Serbin, que entrevistou Paz em 1997, afirma que o estudante era para os revolucionários um vínculo crucial com o mundo exterior, pois devido à dura repressão, eles estavam cada vez mais isolados.

Após a queda dos dominicanos, a ALN contava com Alexandre para reatar os laços com os católicos progressistas. Embora Alexandre apoiasse a ALN em atividades legais, ele concordava com a luta armada. Sua morte desfechou um sério golpe contra a organização.¹⁹

A ALN foi uma das principais cisões do Partido Comunista Brasileiro (PCB), conhecido Partidão, após luta interna, criada por Carlos Marighella, no ano de 1967. De acordo com os dados do projeto Brasil: Nunca Mais (BNM), a maioria dos militantes da organização era estudantes e tinham até 25 anos.

Do total de 458 pessoas da organização processadas nos anos 1960 e 1970, 82 eram das camadas de base — lavradores, militares de baixa patente e trabalhadores manuais urbanos —;

¹⁷ BRAGA; BARBOSA, 1978, p. 7. (grifo do autor.)

¹⁸ Localizada no cemitério Dom Bosco, que foi construído pela prefeitura de São Paulo, em 1971, na gestão de Paulo Maluf. No início, recebia cadáveres de pessoas não identificadas, indigentes e vítimas da repressão política.

¹⁹ SERBIN, K. P. 25 anos da morte de Alexandre Vannucchi Leme. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos, n. 20-23, Tolerância e intolerância, p. 7, jan./dez. 1997.

121 eram das camadas de transição — autônomos, empregados, funcionários públicos, militantes, técnicos médicos e outros — e 255 eram das camadas médias intelectualizadas — artistas, empresários, estudantes, oficiais militares, professores, profissionais liberais ou com formação superior, e religiosa.²⁰

Informações das organizações de esquerda no Brasil por faixa etária, nos anos 1960 e 1970, indicam que dos integrantes da ALN até 25 anos havia 364 — 53,3%, de 26 a 35 anos, 199 — 29,1%; com 36 anos ou mais, 120 — 17,6%.

A organização realizou algumas ações revolucionárias como expropriação do trem pagador em São Paulo; o justicamento do major estadunidense Charles Chandler, com a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), em 1968; a participação do seqüestro do embaixador estadunidense, com o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), em 1969 e do embaixador alemão, em 1970.

Daniel Aarão Reis Filho e Jair Ferreira de Sá destacam como importantes os seguintes documentos da organização em *Imagens da Revolução*.²¹ Quem Samba Fica, Quem Não Samba Vai Embora, de 1967; Questões de Organização, de 1968; Sobre os Princípios e as Questões Estratégicas, O Minimanual do Guerrilheiro Urbano, As Perspectivas da Revolução Brasileira, Operações e Táticas Guerrilheiras, todos de 1969.

A NOTÍCIA DA PRISÃO

A família do estudante, em Sorocaba, recebeu um telefonema anônimo no dia 20 de março dizendo apenas que Alexandre havia sido preso. Sem nenhuma outra informação o pai do estudante, José de Oliveira Leme, foi a São Paulo em busca de informações do seu filho.

Depois de ter ido a vários locais em busca de informações e ter recebido respostas desconstruídas, o pai de Alexandre é

²⁰ Quadro de organizações de esquerda no Brasil, com reagrupamento por ocupação dos processados, anos 1960 e 1970, Cf. RIDENTI, M. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993. p. 70.

²¹ REIS FILHO, D. A.; SÁ, J. F. de. *Imagens da revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

informado pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury²² que seu filho já havia sido enterrado.

O dia 20 foi terça, dia 21 quarta. No dia 22, quinta, deveria ir ao II Exército, segundo orientação do advogado, pois faltava procurar no II Exército. Fui, mas o II Exército estava fechado, não funcionava na quinta. Então, vim para Sorocaba, e sexta, quando estava embarcando num Cometa para São Paulo, li na Folha de São Paulo que ele, acusado de terrorista, tinha sido morto por atropelamento, no dia 17, ao tentar fugir da polícia. Fui direto ao DOPS e depois de seis horas de espera, fui atendido pelo Fleury (delegado Sérgio Paranhos Fleury), que fez questão de frisar que não tinha nada que ver com a morte de Alexandre. Ele disse que Alexandre tinha se suicidado que tinha sido enterrado como indigente porque não tinha documentos, não tinha carteira de identidade nenhuma. Então perguntei para ele: mas como se prende alguém, investiga alguém e não sabe o nome? Tem que saber quem é que prendeu.²³

Havia ainda outras perguntas feitas por José, mostrando sua indignação diante do delegado repressor e que permaneceram por longos anos sem resposta. Como é que uma pessoa morre e não se entrega o corpo para a família? Por que tanta pressa em enterrar?

Havia uma nítida falta de comunicação nos órgãos de repressão, pois a versão do atropelamento já tinha sido divulgada para a imprensa, mas Fleury na pressa em ressaltar que não havia envolvimento com a morte do estudante, informou do suicídio.

Uma semana após a morte de Alexandre, nós entramos na justiça com um processo para apurar as responsabilidades de sua morte. A gente sempre confiou na justiça [...] mas encontramos todas as portas fechadas e o processo que impetramos na justiça para apurar as responsabilidades pela morte de nosso filho foi arquivado.²⁴

REAÇÃO

Logo após a publicação nos jornais da morte de Alexandre a primeira reação de protesto partiu do bispo de Sorocaba, dom

²² Torturador que matou Carlos Marighella, então líder da ALN.

²³ Ver depoimento do sr. José Leme, In: BRAGA; BARBOSA, 1978, p. 11.

²⁴ Ver depoimento da sra. Egle, In: BRAGA; BARBOSA, 1978, p. 11-12.

José Melhado Campos que presidiu a reunião do Conselho Diocesano de Presbíteros, na qual houve um posicionamento claro e público do acontecimento trágico que atingiu o estudante de 22 anos. [...] *membro de família residente em Sorocaba e intimamente ligada a todos pelos laços sagrados da fé católica e de amizade cristã.*²⁵ Entre os tópicos da deliberação havia o questionamento sobre o motivo de enterrar o corpo de Alexandre como indigente se nos jornais saíram publicados os dados do estudante, entre outras.

*Em obediência ao imperativo evangélico do amor à verdade e à justiça não podemos não falar.*²⁶

Os estudantes e professores da USP entraram em luto. A Faculdade de Geologia foi fechada para exigir esclarecimentos sobre o fato. Alunos do Centro Acadêmico 11 de Agosto fizeram um comunicado oficial e observavam que Alexandre não poderia ter cometido os crimes que atribuíam. Uma missa foi realizada em Sorocaba, no dia 29 de março e outra, no dia seguinte, na Catedral da Sé.

A MISSA

O assassinato do jornalista Vladimir Herzog, em 1975, teve ampla repercussão na mídia nacional e internacional, mas conforme o historiador Kenneth P. Serbin, em *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*²⁷, além dessa morte, que provocou reação popular contra a tortura, a de Alexandre mobilizou a Igreja Católica e o movimento estudantil e é considerado, por ele, o estopim do desencadeamento das grandes manifestações da década de 1970.

Em artigo para a *Folha de S.Paulo*, Serbin aponta que a morte de Alexandre

levou estudantes e religiosos católicos a arriscar um confronto violento com o regime do presidente Emílio Garrastazu Médici

²⁵ CONSELHO de Presbíteros toma posição diante da morte de jovem universitário. *Diário de Sorocaba*, Sorocaba, 25 mar. 1973. A5.

²⁶ BRAGA; BARBOSA, 1978, loc. cit.

²⁷ SERBIN, K. P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

(1969-1974), reunindo 3.000 pessoas para ouvir o cardeal arcebispo de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, criticar o governo numa missa em sua memória.²⁸

Às 18h30, sob chuva fina, os estudantes começaram a subir as escadas da catedral cantando a canção de Geraldo Vandré: 'Vem, vamos embora/Que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora/Não espera acontecer'. Numa cerimônia tensa e emocionante, dom Paulo Evaristo Arns perguntou, em seu sermão: — A voz do sangue do teu irmão clama da terra por mim? Se a vida é dom de Deus, a dignidade é a lembrança mais visível do homem na terra. Os homens podem estar nus, mas têm dignidade.²⁹

Realizada no dia 30 de março de 1973, na Catedral da Sé, dom Paulo Evaristo Arns, lutador pelos Direitos Humanos, rezou uma missa em memória do estudante, com a presença massiva de estudantes, colegas e militantes.

Sua realização foi um sinal de enfrentamento do povo, pois mesmo com toda a repressão acontecendo no país e com o forte policiamento em volta da Igreja, marcaram sua presença reivindicando o fim das prisões, das torturas, e das mortes.

Para Serbin, a missa

serviu como um ensaio crucial para o importantíssimo culto ecumênico patrocinado por Dom Paulo, em memória do conhecido jornalista judeu [...] Tal protesto representou um desafio ainda maior para o regime, porque unificou a oposição — não apenas os estudantes e o clero católico, como judeus, profissionais da imprensa, intelectuais e outros membros da elite.³⁰

De acordo com a historiadora Maria Aparecida de Aquino, professora de História Contemporânea da USP, essa mobilização contribuiu, para que alguns anos mais tarde, em 1975, 1976, 1977, houvesse a reorganização do movimento estudantil. Adriano

²⁸ SERBIN, K. P. Um episódio esquecido da repressão. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1997.

²⁹ ZAPPIA, J. L., ZANFRA, M. A. A praça proibida. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 3 jun. 1979. Folhetim, p. 12.

³⁰ SERBIN, 1997a, p. 20.

Diogo possui a mesma opinião: *a ditadura começou a cair naquele dia, no dia em que o movimento estudantil se organizou com dom Paulo.*³¹

O caso de Alexandre suscitou troca de cartas particulares entre dom Paulo Evaristo Arns e o então ministro da educação Jarbas Passarinho, relatado pelo historiador. *Não se pune um crime — se existiu — com um crime maior ainda*, escreveu dom Paulo. *Essa missa, senhor cardeal, poderia ter provocado um rio de sangue, agora sim, de inocentes e de piedosos*, escreveu Passarinho, na época, ministro da Educação do governo Médici.³²

Mas no dia da missa os torturadores estavam enraivecidos. Preso no dia em que Alexandre morreu, Adriano Diogo relata:

*No dia da missa eles me tiraram da cela. Eles bateram em todo mundo, mas não perguntavam porra nenhuma, porque geralmente você apanha pra responder uma dúvida deles. Aquele dia era pau, sem dúvidas. Era apanhar por apanhar. E eu apanhei no pátio na frente de todo mundo. O major xingava o cardeal de toda maneira, filho da puta, cardeal maldito. Ele estava com uma palmatória e dava porrada. Tava enlouquecido naquele dia.*³³

TRASLADO, DEZ ANOS DEPOIS

Somente em 1983, no final do comando do ciclo de generais, é que a família conseguiu permissão para fazer o traslado dos restos mortais de Alexandre da vala do cemitério de Perus, em São Paulo para o jazigo da família, no cemitério da Saudade, em Sorocaba.

Um molde dentário feito no início de 1973 identificou que os ossos eram mesmo de Alexandre. Houve uma cerimônia em

³¹ Maria Aparecida Aquino: entrevista [outubro 2007]. Entrevistadora: Fernanda Ikedo. São Paulo, 2007. (Entrevista concedida para o vídeo-documentário *Porque Lutamos! Resistência à Ditadura Militar*, lançado em fevereiro de 2008 pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura – LINC/Sorocaba).

³² SERBIN, 1997b, p. 13.

³³ Adriano Diogo: entrevista [janeiro 2008]. Entrevistadora: Fernanda Ikedo. São Paulo, 2008. (Entrevista concedida para o vídeo-documentário *Porque Lutamos! Resistência à Ditadura Militar*, lançado em fevereiro de 2008 pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura – LINC/Sorocaba).

São Paulo que também marcou o retorno dos restos de Frei Tito de Alencar Lima, frei dominicano barbaramente torturado e que se suicidou na França.

Em Sorocaba foi realizada uma noite de vigília no auditório da Escola Municipal Getúlio Vargas e no dia seguinte seguiu-se para uma homenagem à praça que recebe o nome de Alexandre. De lá seguiram para o cemitério.

O epitáfio diz: *Aqui vigia Alexandre Vannucchi Leme 5/10/1950 assassinado pelo regime militar em 17/03/1973, à espera do tempo da justiça.*

A PRAÇA: UMA HOMENAGEM EM PLENA DITADURA

Decreto nº 3138, de 12 de setembro de 1978 (Dispõe sobre denominação de praça pública).

JOSÉ THEODORO MENDES, Prefeito do Município de Sorocaba, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 39, inciso XIX, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969, DECRETA:

Artigo 1º - Fica denominada praça Alexandre Vannucchi Leme a atual praça existente na avenida Dr. Afonso Vergueiro, esquina com rua Amazonas, na Vila Santa Therezinha nesta cidade.

Parágrafo único — As placas comemorativas conterão a seguinte expressão: ‘Líder universitário — 1950/1973’.

Em 1978 morre o Papa Paulo VI — o 263º papa — e assume o cardeal Albino Luciani como Papa João Paulo I, mas este morre 33 dias depois de eleito e então é nomeado o cardeal Karol Józef Wojtyła como Papa João Paulo II. No Brasil, no último dia do ano, o general Ernesto Geisel envia uma emenda ao Congresso para extinguir o Ato Institucional nº 5 (AI-5). E é nesse ano também que uma praça em Sorocaba recebeu o nome do estudante Alexandre Vannucchi Leme.

Durante a infância, ele adorava jogar futebol, seu time de coração era o Corinthians. Convidava nas horas vagas os amigos para uma partida, num campinho de terra a cem metros de onde morava, na confluência da rua Amazonas com a avenida Afonso Vergueiro.

Em 7 de outubro de 1978, cinco anos após sua morte, esse lugar, onde foram realizadas muitas peladas, foi transformado em praça pública e recebeu seu nome. Conforme jornais da época,

a cerimônia de inauguração contou com a presença de aproximadamente 500 pessoas, entre amigos, familiares, jornalistas, militantes de movimentos sociais, do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA) e de organizações políticas.

No centro da praça, no bloco de mármore, está escrito na placa de bronze o seguinte:

*Hei de fazer que a voz torne a fluir
Entre os ossos...
E farei que a fala
Torne a encarnar-se...
Depois que se perca esse tempo
E um novo tempo amanheça.*

O escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez estava de passagem por São Paulo e mandou por meio do jornalista Fernando Morais a seguinte mensagem, que foi lida durante a inauguração:

[...] saibam que vocês não estão sozinhos nessa luta. Na Nicarágua ensangüentada por Somoza, no Chile ensangüentado por Pinochet, em toda nossa América ensangüentada por tantos repressores, estará sempre a voz de um Alexandre Vannucchi Leme clamando pela liberdade e pela democracia [...].

Essa homenagem só pode se concretizar devido ao pedido, do núcleo municipal do Comitê Brasileiro pela Anistia, feito a João dos Santos Pereira, ex-operário e vereador na época, pela legenda do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que anteriormente tinha sido preso e torturado no DOI-CODI.

Com os motivos mais nobres ele fez a indicação do nome da praça, obteve aprovação por parte dos vereadores e o prefeito da cidade fez o Decreto. O que João dos Santos Pereira não esperava é que acabaria sendo indiciado em inquérito policial, acusado de ter feito 'apologia de ato e pessoa criminoso'.

Constava na propositura feita por ele que Alexandre foi preso, torturado barbaramente até a morte, sendo enterrado como indigente e que Sorocaba, modestamente, estaria reconhecendo o valor de seu filho jovem, morto aos vinte e poucos anos, *pelo único crime de pensar num Brasil democrático e soberano para todos.*

Somente após Pereira ter prestado depoimentos e ocorrido diversas reações de repúdio contra o inquérito, por parte de profissionais liberais, estudantes, políticos e militantes, a peça policial foi arquivada.

Além da Praça em Sorocaba, Alexandre dá o nome ao Diretório Central dos Estudantes da USP (DCE-Livre) e a uma escola de Ibiúna, São Paulo.

CARTA AO PAPA

Quem vos escreve é uma mulher do povo, a quem lhe mataram o primogênito.

(Egle Maria Vannucchi Leme.)

Dona Egle, inconformada com o assassinato de seu filho, escreve uma carta ao Papa Paulo VI, datada de 20 de abril de 1973. Foi um desabafo diante da dor dilacerante que sofria, diante das injustiças cometidas: tortura, morte, negação da entrega do corpo de Alexandre para ser sepultado. Mais que isso, foi um clamor por justiça e paz. Dona Egle apelava à Igreja uma atenção maior para a situação desumana, que se encontrava no Brasil, sendo promovida pelos governos militares.

Enquanto escrevia pensou se suas palavras conseguiriam chegar nas mãos do destinatário, hesitou em continuar, mas após incentivos dos familiares terminou a carta, que chegou ao Papa por meio da Comissão Representativa dos Bispos do Estado de São Paulo. Três meses depois dom Paulo Evaristo Arns recebeu carta do Cardeal Villot, datada de 16 de junho, acusando o recebimento da carta da dona Egle e pedindo a dom Evaristo que *faça chegar uma palavra de alento à signatária do escrito, com a implorada e confortadora benção apostólica.*

Apesar de dona Egle ter aguardado receber mais que palavras de alento, como uma reprovação mais efetiva por parte da Igreja aos abusos do governo brasileiro, sua carta repercutiu no meio universitário e foi lida por vários lutadores de direitos humanos.

Em 28 de março de 1978, no Dia Nacional do Protesto, dona Egle leu, com a voz embargada, a carta diante de cerca de cinco mil pessoas, em frente à Faculdade de Medicina, na avenida Dr. Arnaldo, em São Paulo.

Segue a íntegra da carta:³⁴

³⁴ BRAGA; BARBOSA, 1978.

Sorocaba, Sexta-Feira Santa de 1973

A Vossa Benção,

Ajoelhada aos pés da Vossa Santidade, chorando, abro-lhe meu coração dilacerado de dor. Diante de Vós, representante de Cristo na Terra, uma pobre mãe ousa dizer-vos que sofre hoje como Maria SS., vendo o martírio de seu Filho. Maria, porém, pôde acompanhá-lo até o último alento. Pôde banhar de amor e lágrimas o corpo exangue de seu Divino Filho, que fora preso, julgado, torturado e morto. Enquanto se comemora o 25º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos e o 10º aniversário da 'Pacem in Terris', enquanto os Bispos do Brasil acabam de se comprometer publicamente em Assembléia Plenária, a denunciar todos os desrespeitos aos direitos humanos no País; enquanto se fala em 'Campanha da Fraternidade', dentro da quaresma, nesses mesmos dias, um jovem universitário, de 22 anos, meu filho Alexandre, todo ideal e devoção, foi sumariamente assassinado pelos órgãos da repressão do governo, justamente por lutar pela vigência dos Direitos Humanos no Brasil e por se colocar ao lado da Justiça e da Liberdade.

Quem vos escreve é uma mulher do povo a quem lhe mataram o primogênito dos seis filhos, recusando-lhe até mesmo a entrega desse corpo. Tudo me foi tirado: um filho, o consolo de vê-lo após a morte e o direito mais legítimo de sepultar.

Creio que meu grito de dor já penetrou os céus. Creio que a morte de meu filho tem um sentido que talvez escape a mim, envolta na dor e na saudade.

Creio que ele está ressuscitado, enviando-nos da parte de Cristo, luzes e forças a todos nós que somos a Igreja. A Igreja no século XX, de quem ele esperava tanto e que ainda nos parece temerosa e comprometida, tantas vezes.

Algumas vozes isoladas se levantaram contra essa bárbara injustiça perpetrada contra um jovem indefeso, cujo único crime foi ser bom, honesto, estudioso e ter uma visão clara de nossa dura realidade brasileira. Realidade essa que só o povo conhece na sua jornada diária de trabalho, explorado na fome, na repressão, na tortura e na morte.

Mas, estas vozes que clamaram, logo após silenciaram, frágeis por não se levantaram em uníssono e por ser o governo o grande terrorista sufocando qualquer voz que surja contra ele.

É por esta razão que me atrevo a vos escrever. Seja a vossa voz a voz de Jesus Cristo, clamando contra o sangue derramado de seus irmãos, sangue que brada por justiça. Que a vossa voz desperte os cristãos acovardados ante a força da repressão, para que não se intimidem com as prisões arbitrarias, com as torturas psíquicas e físicas e com os assassinatos friamente executados.

Seja a voz ouvida na ONU, e chegue até as autoridades desse meu país, autoridades que nós não elegemos democraticamente, mas que assim mesmo ainda acataríamos se de fato se redimissem pelo respeito aos mais sagrados direitos humanos.

Santo Padre, como gente, como cristã, como mãe, a quem roubaram diabolicamente o primogênito, uma só coisa, terminando, uma só coisa desejo e vos peço – aquilo que Vós sempre pedis e desejais:

'Justiça e Paz'. Só isso! Tudo isso!

E que a vossa benção me seja força para continuar a lutar, a crer e a esperar, juntamente com meu dileto esposo José e os restantes cinco filhos [sic]: Maria Regina, Maria Cristina, José Augusto e Beatriz.

*Vossa filha,
Egle Maria Vannucchi Leme.*

Tentaram calar seus ideais, mas eles ressoam firmes no presente, apontando um caminho de solidariedade, educação, saúde, trabalho e moradia para todos(as). Sua trajetória foi construída por valores que prezam não o individualismo, mas o esforço coletivo por direitos, não a ambição capitalista, mas a distribuição justa, não a competição desenfreada, mas a generosidade humana.

Conhecer sua história é um convite ao resgate do humanismo.

**MEMORY: 35 YEARS SINCE THE DEATH OF STUDENT
LEADER ALEXANDRE VANNUCCHI LEME**

ABSTRACT

The student leader Alexandre Vannucchi Leme, 22 years, was one of the victims of the government of General Emílio Garrastazu Médici. His death on March 17, 1973 caused revolt and indignation of the Brazilian society. It was the start of a process that gave amplitude to the student movement and more forces to the manifestations of the Catholic Church by justice and by the human rights.

KEYWORDS

Dictatorship. Student movement. Alexandre Vannucchi Leme.



[Manifestação contra os atentados terroristas. Rio de Janeiro, 1981]. (Fundo Voz da Unidade, [PNA], foto 2393, Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP, Campinas, São Paulo.) Foto: Agência F4.